

Busca identitária, língua de escritura e instituição literária de referência na literatura acadiana recente

Raoul Boudreau

Tradução de Maria Bernadette Velloso Porto

Resumo: Devido à emergência das pequenas culturas, aos contatos cada vez mais numerosos entre as culturas e à globalização em geral, os estudos sobre identidade se multiplicaram no âmbito da literatura. Tais estudos concernem em geral aos temas e ao conteúdo das obras. Situando-se na perspectiva da pragmática do discurso, o presente artigo se orienta em direção a um outro aspecto do estudo do identitário e tenta mostrar que o escritor define sua identidade ao construir a cena da enunciação da obra. Assim, a escolha da língua de escritura, do gênero literário, do intertexto, dos procedimentos narrativos ou cenografia é reveladora das posições identitárias da obra e do escritor, antes mesmo da intervenção dos temas e dos conteúdos da obra. Já que as questões identitárias estão particularmente presentes nas literaturas periféricas, a literatura acadiana recente servirá de ilustração dessa abordagem.

Palavras-chave: literatura e identidade; pragmática do discurso; cena de enunciação; língua de escritura; gêneros literários; intertextos; procedimentos narrativos; cenografia; literatura acadiana.

Abstract: With the growing recognition of the importance of marginal cultures, the multiplication of contacts between cultures and the concept of globalization in general, research on the notion of identity has become central in the study of literature. Various studies on identity usually focus on the content and subject matter of literary works. From the perspective of the pragmatics of discourse, this article will attempt to examine another aspect of the question of identity in literature: more specifically, the various means by which the general construction of the enunciation, the choice of diction, of an intertext, of a literary genre and of a narrative process also reveal specific positions with regards to identity. Since the questions of identity are particularly prominent in emerging and marginal literatures, this approach will be applied to recent Acadian literature.

Key words: literature and identity; discourse pragmatics; enunciation scene; writing language; literary genre; intertextos; narrative procedures; scenery; Acadian literature.

Résumé: En raison de l'émergence des petites cultures, des contacts de plus en plus nombreux entre les cultures et de la mondialisation en général, les études sur l'identité se sont multipliées en littérature. Ces études portent généralement sur les thèmes et le contenu des oeuvres. Se situant dans la perspective de la pragmatique du discours, le

présent article se penche sur un autre aspect de l'étude de l'identitaire et tente de montrer que l'écrivain définit son identité dans la construction de la scène d'énonciation de l'oeuvre. Ainsi le choix de la langue d'écriture, du genre littéraire, de l'intertexte, des procédés narratifs ou scénographie est révélateur des positions identitaires de l'oeuvre et de l'écrivain, avant même que n'interviennent les thèmes et les contenus de l'oeuvre. Puisque les questions identitaires sont particulièrement présentes dans les littératures périphériques, la littérature acadienne récente servira d'illustration à cette approche.

Mots-clés: littérature et identité; pragmatique du discours; scène d'énonciation; langue d'écriture; genres littéraires; intertextes; procédés narratifs; scénographie; littérature acadienne.

O lugar que a pós-modernidade atribuiu aos discursos das minorias e ao reconhecimento do contato entre as culturas e da mestiçagem fez da expressão da identidade um assunto privilegiado na obra literária contemporânea. A identidade móvel, fragmentada, múltipla tornou-se o paradigma que define o ser humano dos séculos XX e XXI. Ninguém poderia duvidar evidentemente que o conteúdo e as temáticas da obra literária são reveladores das identidades étnicas, políticas, sexuais de seus autores. Entretanto, a presente reflexão pretende se debruçar sobre uma outra maneira, mais fundamental, pela qual a obra literária exprime a identidade. Tal relação com a identidade não é específica das literaturas minoritárias, mas ocupa em seu interior um lugar importante e visível e é a razão pela qual recorrerei à literatura acadiana para ilustrar as manifestações desse fato.

A Acádia designa a população de expressão francesa das províncias marítimas do Canadá (Novo Brunswick, Nova Escócia, Ilha do Príncipe Eduardo), que é na maioria formada pelos descendentes dos primeiros colonizadores franceses estabelecidos na América do Norte a partir de 1604. A Acádia não tem mais existência jurídica, mas constitui uma referência identitária muito importante para os 300.000 francófonos que habitam as províncias canadenses citadas acima (250.000 no N.B., 50.000 na N.E. e 5000 na I.P.E.) e que representam a grande maioria dos descendentes daqueles que escaparam à deportação comandada pela coroa britânica e sustentada pelas colônias britânicas da Nova Inglaterra em 1755. No Novo

Brunswick, os acadianos francófonos representam um terço de uma população majoritariamente anglófona. Graças à proteção das leis canadenses e provinciais relativas às línguas oficiais, puderam se dotar de instituições educativas e culturais que lhes permitem viver em francês e usufruir de um desenvolvimento econômico, linguístico e cultural impensáveis há cinquenta anos. Todavia, em razão de recursos desiguais em relação à população inglesa da província, o atraso acumulado durante os duzentos anos que se seguiram à deportação não pode ser superado em cinquenta anos e há, sem dúvida, distâncias a serem recuperadas e lutas a serem travadas para que seja atingida a igualdade em todos os domínios. Os acadianos são minoritários em seu próprio meio e devem defender com energia todos os direitos e reivindicar, às vezes com veemência, o que lhes cabe.

A literatura acadiana é essencialmente aquela produzida no Novo Brunswick e muito marginalmente nas duas outras províncias marítimas. Em uma postura semelhante à de outras instituições literárias que tentam se munir da mais longa antiguidade possível, fonte capital de prestígio simbólico, Marguerite Mallet, autora da *Histoire de la littérature acadienne: de rêve en rêve* (1983), vai buscar as origens francesas nos escritos dos primeiros colonos franceses, Samuel de Champlain e Marc Lescarbot, isto é, bem no início do século XVII. Será preciso esperar a metade do século XIX para que se manifestem as origens verdadeiramente acadianas dessa literatura que se inicia com escritos políticos e nacionalistas, tratados de história, de linguística e de etnologia, assim como se dá com muitas outras literaturas. Durante a segunda metade do século XIX e sobretudo na primeira metade do século XX, a literatura acadiana se orienta progressivamente no sentido dos gêneros mais especificamente literários, como o romance, o teatro e a poesia, em textos publicados com frequência nos jornais e escritos com fins edificantes por membros do clero. Apenas nos anos 70 assiste-se ao desenvolvimento de uma instituição literária na Acádia, e o surgimento da escritora Antonine Maillet, com a peça de teatro *La Sagouine* (1971), representa um papel relevante nesse contexto. Ao longo da

década de 70, paralelamente ao desenvolvimento da obra romanesca de Antonine Maillet que se inspira na língua e nas tradições populares acadianas, desenvolve-se em Moncton, em torno das Éditions d'Acadie, uma poesia militante e modernista com Raymond Guy LeBlanc, Guy Arsenault, e Herménégilde Chiasson, entre outros. A década seguinte verá a emergência dos romancistas France Daigle e Jacques Savoie e dos poetas Gérald Leblanc, Rose Després e Dyane Léger. Desde 1990, os poetas Serge-Patrice Thibodeau e Hélène Harbec e o romancista Jean Babineau trouxeram um sopro novo à literatura acadiana, e vários jovens poetas fizeram uma estreia promissora. Além de Antonine Maillet, cujo prêmio Goncourt ganhou em 1979 com o romance *Pélagie-la-Charrette* (1979) lhe permitiu ter acesso a uma verdadeira carreira internacional, os principais escritores da Acádia são France Daigle, no campo do romance, e Herménégilde Chiasson, Gérald Leblanc, morto em 2005, e Serge-Patrice Thibodeau, na área da poesia. Durante os quarenta últimos anos, a evolução da literatura acadiana seguiu, de maneira geral, o esquema traçado por Pascale Casanova (1999) para as literaturas emergentes. A um primeiro período, mais político, que vai de 1970 até a metade dos anos 80, marcado pelas reivindicações identitárias e nacionalistas, sucede um período mais propriamente literário em que a literatura acadiana se abre para maior diversidade temática na busca de uma autonomia, sempre relativa, referente ao mesmo tempo ao discurso político e à instituição literária quebequense que a domina. Em suma, a literatura acadiana corresponde ao que François Paré (1992) chamou de literaturas da exiguidade: ela não dispõe de todos os meios de produção, difusão, recepção e consagração de que dispõem as grandes literaturas e ela deve suprir suas faltas apoiando-se na literatura vizinha, quebequense, mais bem dotada e em torno da qual gravitam todas as literaturas francófonas da América.

Outro traço dominante da literatura acadiana é sua relação com a língua. Antonine Maillet pôde conferir uma especificidade à literatura produzida na Acádia, ao colocar em relevo a língua popular tradicional marcada por forte oralidade. Alguns poetas reunidos em Moncton nos anos 70 se destacaram

ao mesmo tempo das outras literaturas francófonas e de Antonine Maillet, recorrendo esporadicamente a uma variedade de francês local, urbano e moderno, o *chiac*, mistura do francês e do inglês. Quer se inspirem na língua tradicional ou no *chiac*, os escritores acadianos devem se empenhar para vencer dificuldades com uma variedade de língua que tem pouca predisposição para a literatura, já que é muito oral e, sobretudo, estigmatizada.

Uma vez colocados esses elementos contextuais, é preciso voltar à questão da identidade e de seu modo de expressão na obra literária. Antes mesmo de se posicionar em relação a uma nacionalidade, a uma comunidade, a valores que sustentam um projeto de sociedade ao qual adere, o escritor deve se inscrever em um contexto de enunciação. Ele deve compor a cena de enunciação de sua obra, optando por um gênero, por formas narrativas, por uma língua de escritura, por uma ou várias instituições literárias de referência, por uma intertextualidade que lhe servirá de modelo ou de antimodelo, e todos esses posicionamentos são reveladores igualmente de uma identidade desse escritor, de sua identidade de escritor, inseparável da de cidadão, já que é por meio da enunciação literária que esta última pode ser expressa.

Esse tipo de abordagem pragmática da obra literária pressupõe que o discurso literário é uma prática social e que o reconhecimento de sua inserção social não é uma fase opcional do estudo da obra, na qual se poderia demorar ou que se poderia escamotear para passar diretamente a análises formalistas ou temáticas. Essa abordagem implica que toda análise formalista ou temática só tem sentido se ela se inscreve primeiramente no contexto de enunciação da obra, pois é evidente que as situações de enunciação dos escritores não são equivalentes. O mais conhecido escritor acadiano de Moncton não dispõe dos meios de produção, por exemplo, do acesso a uma variedade valorizada da língua francesa, dos meios de difusão – editores, mídia, críticos –, do prestígio da instituição literária e da história literária acessíveis aos escritores do meio literário parisiense. Os que deixam pensar que a obra existe como puro objeto de arte fora de suas condições sociais de produção

pertencem em geral às instituições literárias dominantes, cujo poder permite ditar as características das obras mais prestigiosas, as que pretensamente atingem o universal, conceito pelo menos difícil de se definir e cuja aplicação é controlada pela instituição central, que se atribuiu o poder de erigir sua singularidade como norma.

Uma abordagem que coloca em evidência as desigualdades das condições de enunciação é particularmente importante nas literaturas ditas periféricas, geralmente relegadas pela instituição literária central à expressão de realidades regionais, até mesmo ao exotismo e ao folclore. Dominique Maingueneau afirma, sem equívoco, a impossibilidade de separar o texto de seu contexto:

[...] o que é chamado de modo impróprio “o conteúdo” de uma obra é na realidade atravessado pelo retorno às suas condições de enunciação. Na medida em que se trata de *seu* contexto, a obra só se constitui pelo fato de constituí-lo. [...] Assim, a obra aparece falha por remeter permanentemente à sua enunciação e ao insustentável estatuto do escritor na sociedade. Somos levados a tomar consciência de que o contexto não se situa no exterior da obra, em uma série de invólucros sucessivos, mas que o texto é a gestão de seu contexto (1993: 23-24).¹

Em virtude desse pano de fundo, gostaria de examinar aqui a questão do posicionamento identitário dos escritores acadianos, que, é claro, tem suas especificidades, mas que se encontra, de modo geral, com o dos escritores francófonos ou dos escritores pertencentes às literaturas periféricas. Em seus numerosos ensaios, o escritor acadiano Herménégilde Chiasson levantou frequentemente a questão da identidade, perguntando-se se ele era um acadiano que é escritor ou um escritor acadiano, juntando-se, assim, a certos escritores africanos que gostariam de apagar o adjetivo “africano” de sua denominação. A primeira forma de se definir dá realce à relação com a Acádia, que se torna indispensável à obra, ao passo que a

¹ Sobre as relações entre o texto e a instituição, ver também o artigo fundamental de Jacques Dubois “L’institution du texte” (1992).

segunda insiste sobre o fato de se ser escritor e o vínculo com uma realidade política particular se torna contingente. Encontra-se aí um paradoxo próprio de todas as literaturas que só podem nascer se apoiadas fortemente sobre uma realidade nacional e uma língua distintivas, das quais tentam em seguida se afastar para ter acesso ao prestígio do “universal”.

Essas tendências correspondem a duas fases de desenvolvimento das literaturas, como bem assinalou Pascale Casanova:

Em um primeiro tempo, para se libertarem do domínio literário que se exerce na escala internacional, os escritores das nações mais jovens devem poder se apoiar em uma força política, a da nação, o que os leva a subordinar, de um lado, suas práticas literárias a apostas políticas nacionais. Por isso, a conquista da autonomia literária desses países passa inicialmente pela conquista de uma independência política, isto é, por práticas literárias fortemente ligadas à questão nacional, logo, não-específicas. Apenas quando um mínimo de recursos e de independência política pôde ser acumulado conseguiu-se levar adiante a luta pela autonomia propriamente literária (1999: 265).

Como todo escritor, o escritor acadiano aspira à autonomia literária. Em seu contexto, essa aspiração adquire dois sentidos: em primeiro lugar, o de uma autonomia da instituição literária nacional em relação a outras instituições literárias que a dominam, quer elas sejam quebequense ou francesa; em segundo lugar, a autonomia de sua produção literária em relação a outros campos de atividade ou discursos, e principalmente em relação ao discurso político ou de sobrevivência nacional e identitária. Como todo escritor, o escritor acadiano preferiria ser lembrado mais por ter criado uma obra literária do que por ter contribuído para criar um país. E criar uma obra literária supõe obrigatoriamente que ela tenha ultrapassado as fronteiras da Acádia e obtido reconhecimento de instâncias de legitimação supranacionais, pois, como afirmam Denis e Klinkenberg (2005: 39), nas pequenas literaturas um reconhecimento que se limita à instituição literária dominada equivale a um não-reconhecimento.

O percurso descrito por Casanova passaria logo do literário a serviço do político ao literário puro, uma vez adquirida certa independência política. Mas o que acontece nas comunidades que não chegam à independência política, nessas literaturas nacionais sem Estado como o são as literaturas acadiana e quebequense? É evidente que o escritor sempre tem a escolha de ignorar a situação e de escrever como se fosse de lugar nenhum. Mas a maioria dos escritores preferirá não ignorar uma situação que determina as condições de produção e de recepção de sua obra e experimentará nesse nível a paratopia (Maingueneau, 1993: 28) característica do escritor, isto é, estará em um entre dois insustentável entre a aspiração à literatura pura e a necessidade de defender seu direito à existência, que nesse caso se confunde com seu direito à existência literária. Em outras palavras, tais escritores serão condenados a oscilar entre dois pólos, o da “identidade” e o da “universalidade”, que se encontram nas literaturas dominantes, mas que tendem a se excluir nas literaturas dominadas. É exatamente essa oscilação que François Paré salienta ao falar da literatura acadiana e ele não deixa de notar seu caráter doloroso e complexo:

É preciso se dizer de imediato que a oscilação dolorosa entre pertencimento e libertação, entre a origem (vivida em um “empremier”² constitutivo) e o desenraizamento dos indivíduos em uma finalidade própria da modernidade, entre o comunitário e o múltiplo, será de grande complexidade, e aos indivíduos concernidos, eles próprios engajados, [...] em lutas cotidianas, ela não poderá aparecer em sua plena coerência.

A busca identitária do escritor periférico não é, portanto, uma temática independente do modo de enunciação de sua obra. A questão identitária se coloca para ele antes mesmo que ele escreva a primeira palavra de seu texto. Ele se confronta de imediato, sobretudo no que diz respeito à língua de escritura, com o que Jean-Marie Klinkenberg (1981: 40) chamou de orientação centrípeta e orientação centrífuga, ou, segundo os termos de Pascale Casanova, a assimilação e a diferenciação. A

² No léxico acadiano, “l’empremier” significa “no começo”, “outrora”.

assimilação é a “integração por uma diluição ou um apagamento de toda diferença original, em um espaço literário dominante”. A dissimilação ou diferenciação é “a afirmação de uma diferença a partir sobretudo de uma reivindicação nacional” (1999: 246). Casanova acrescenta:

Os “assimilados”, sempre em uma relação de estranheza e de insegurança diante da língua dominante, procuram, por uma espécie de hipercorreção, fazer desaparecer e corrigir, como se faz com um “sotaque”, as marcas linguísticas de sua origem. Os “dissimilados”, ao contrário, quer tenham ou não à sua disposição uma outra língua, vão buscar, por todos meios, cavar uma distância, seja criando uma distância distintiva com o uso dominante (e legítimo) da língua dominante, seja criando ou recriando uma nova língua nacional (potencialmente literária) (1999: 349).

Não se deve considerar essas posições como definitivas e exclusivas, e a literatura acadiana oferece por si só todos os exemplos de sua mobilidade e coabitação. Assim, Antonine Maillet encontrou uma maneira original de conciliar tendências opostas, marcando fortemente sua identidade acadiana ao recorrer aos arcaísmos que caracterizam o falar acadiano tradicional e ao religar, ao mesmo tempo, a língua acadiana às origens do francês graças à sua filiação a Rabelais. Tal estratégia literária parece um sucesso total, já que não só conferiu à sua autora o reconhecimento único para um escritor norte-americano francófono, representado pelo Prêmio Goncourt, como também conciliou a expressão de uma identidade especificamente acadiana e a difusão internacional da obra. Todavia, nem todos os escritores acadianos se mostram prontos a seguir esse caminho, pois consideram que o sucesso tem um preço, o de apresentar uma visão muito tradicional e folclórica da Acádia, que se opõe à sua inscrição no presente e na modernidade. Para Herménégilde Chiasson, France Daigle ou Gérald Leblanc, a identidade acadiana não pode se limitar a fazer reviver suas origens; ela é indissociável da participação na criação da modernidade literária, como o fazem os escritores das grandes literaturas do Ocidente.

É por essa razão que a obra de Antonine Maillet aparece essencialmente como uma obra reconciliada e harmoniosa, alterada apenas pelas cômicas escaramuças entre pessoas do alto e pessoas do baixo³. Outros escritores acadianos têm uma relação mais atormentada com a língua no interior da qual as diversas variedades acadianas lutam por um lugar. Assim France Daigle, autora da obra *Beauté de l'affaire*, que tem como subtítulo *Fiction autobiographique à plusieurs voix sur son rapport tortueux au langage* (1991), publicou oito romances antes de chegar timidamente à utilização do vernáculo acadiano, que se torna em *Petites difficultés d'existence* (2002), sua décima e mais recente obra, o assunto principal da história. A apresentação da questão do *chiac*, mistura de francês e inglês típica do falar acadiano do sudeste do Novo-Brunswick, não poderia ser aí mais irônica, complexa e ambígua. Essa variedade coexiste com uma língua do narrador particularmente trabalhada e precisa, um francês totalmente literário. Mesmo os personagens do romance cuja língua principal e identitária é o *chiac* não o defendem absolutamente, mas também não o condenam. Na mesma ordem de ideias, Gérald Leblanc escreveu majoritariamente em “francês *standard* acadiano” um *Éloge du chiac* (1995) que apresenta, pois, paradoxalmente poucos textos e passagens em *chiac*.

O que esses textos nos ensinam é que os escritores acadianos experimentam na própria língua de sua escritura a situação paratópica do escritor dividido entre duas posições insustentáveis. Como exprimir sua identidade renegando as particularidades de sua língua? Como ser reconhecido utilizando uma língua que corre o risco de aprisioná-las nas fronteiras da comunidade?

A língua de escritura de um escritor é igualmente reveladora do público que ele tenta seduzir, sobretudo na Acádia, onde diversas variedades se oferecem a ele. Mas, se é possível dizer que France Daigle e Jean Babineau utilizam o *chiac* em alguns de seus romances, não se pode afirmar que o

³ Várias obras de Antonine Maillet apresentam uma disputa de aldeia entre pessoas do alto e pessoas do baixo da *track*, isto é, da estrada de ferro.

público visado seja o mesmo. Na verdade, France Daigle tirou partido mais frequentemente do que Lise Gauvin (1999: 10) designou como processos de tradução, tais como perífrases explicativas, sinônimos, uma contextualização para tornar inteligíveis as expressões vernaculares. Antonine Maillet procede da mesma forma para naturalizar os arcaísmos de seus textos, e outros escritores recorreram categoricamente às notas de pé de página, até mesmo ao glossário no fim do volume. Inversamente, em *Bloupe*, por exemplo, Jean Babineau (1993) não utiliza nenhum desses procedimentos de transposição ou de tradução e visa antes de tudo a uma naturalização ou a uma normalização do *chiac*. Seria possível propor como primeira hipótese que as obras de Jean Babineau e as de alguns outros escritores acadianos que o seguem nessa opinião tendem a impor a ideia de que o público acadiano é o primeiro público visado, e como segunda hipótese, que tais obras supõem que mesmo essa versão desenvolvida do vernáculo acadiano do sudeste é compreensível para todo leitor que conhece o francês e o inglês e que ele se esforçará para decifrá-lo.

A mistura e a coabitação na literatura acadiana do “francês internacional”, do “francês canadense”, do “francês quebequense”, do “francês acadiano”, do “acadiano tradicional”, do “inglês”, do “chiac”, denominações problemáticas em si mesmas e cujas fronteiras são muito imprecisas, oferecem ao escritor uma palheta muito rica de posicionamentos cujos efeitos são complexos e ambíguos. De qualquer modo, escolher ou não falar da Acádia ou situar suas ficções em um ambiente acadiano (e de qual Acádia se fala, da antiga ou da moderna?), escolher falar da Acádia em uma língua que carrega ou não as marcas das particularidades da língua acadiana, todas essas escolhas dependem da construção identitária.

O escritor, sobretudo em contexto minoritário, não escolhe entre línguas literárias ou instituições literárias estabelecidas. Seus escritos participam da construção da língua literária que ele tenta reconstituir e do estabelecimento de uma instituição literária com a qual ele possa verdadeiramente se identificar. Em certos casos, o fato de escolher uma editora acadiana, quando ela existe, em vez de um editor quebequense,

é altamente simbólico da vontade de se distinguir da produção cultural quebequense para afirmar uma identidade própria que é sempre difícil de manter diante de uma instituição literária mais poderosa. Sabe-se como a instituição literária quebequense assimila certos escritores acadianos como Antonine Maillet, Serge-Patrice Thibodeau ou Jacques Savoie, mas recusa outros que têm menos sucesso. O ensaísta Rino Morin Rossignol resumiu essa tendência em uma fórmula lapidar: “[...] quando a Acádia dá lucro, é quebequense! E quando não faz sucesso, é folclore!” (1991: 29). Não é de surpreender que escritores que trabalharam para o estabelecimento de instituições culturais acadianas, como Herménégilde Chiasson e Gérald Leblanc, tenham sido os críticos mais virulentos da hegemonia quebequense sobre a cultura de língua francesa na América.

Já que o artista periférico deve não apenas construir uma obra, mas frequentemente construir também as instituições que vão permitir a produção, a difusão e a recepção dessa obra, a escolha da língua da escritura e de seu editor, no caso de um escritor, pode ser reveladora de seu engajamento nessa empreitada ou de seu posicionamento em relação à reivindicação de sua autonomia diante de instituições mais poderosas. Esse autor procura se tornar um escritor ou se tornar um escritor acadiano, estando entendido que ele só poderá se tornar um escritor acadiano se existir uma literatura acadiana apoiada por uma instituição literária acadiana? Trata-se, é claro, de uma questão de identidade.

Poderia ser feita a mesma análise em relação ao gênero privilegiado na obra de certos autores ou em relação às redes intertextuais existentes. O gênero está longe de ser um dado preestabelecido no qual o escritor só teria de investir. Benôit Denis e Jean-Marie Klinkenberg (2005: 57-58) observam que as literaturas periféricas tendem às vezes a apostar em gêneros marginais e assinalam o desenvolvimento excepcional da história em quadrinhos na Bélgica ou da poesia no Quebec. Da mesma maneira atípica, a Acádia continua a preferir a poesia ao romance, como se sua marginalidade se expressisse melhor em um gênero marginal em si mesmo. A literatura acadiana de fato transformou o gênero poético para lhe dar uma flexibilidade e

uma polivalência inusitadas, e traços contrários à ideia clássica da poesia: cotidianidade, imediatez, narratividade, oralidade. Na Acádia, a cenografia da poesia toma a forma do relato, do manifesto, da correspondência. Essa transformação de gênero pouco ortodoxa acarretou muitas vezes julgamentos peremptórios por parte de pessoas que têm uma ideia um pouco estreita e estagnada da literatura e, apoiando-se em uma concepção única da poesia inspirada de modo excessivo em um classicismo à francesa, declaram simplesmente que não é poesia. O escritor acadiano que toma de empréstimo esse gênero escolhe, portanto, a diferenciação e uma identidade bem distinta.

Há, é claro, um vínculo entre a reivindicação temática de uma identidade própria e o fato de se recorrer a uma língua ou a um gênero distintivo: poetas como Guy Arsenault e Gérald Leblanc, cuja obra está muito enraizada tematicamente na Acádia, adotam também um vernáculo e um gênero poético muito estilizado. Inversamente, poetas como Maurice Raymond ou Serge-Patrice Thibodeau, que conferem menos lugar à Acádia, utilizam formas muito mais clássicas da língua e do gênero poético. Mas essa divisão excessivamente simplista não se verifica em todas as obras e encontram-se muitos paradoxos mais difíceis de explicar.

A intertextualidade oferece evidentemente um dos campos mais ricos para se estudar o posicionamento de um escritor. Um escritor acadiano que reivindica sua marginalidade como Gérald Leblanc, por exemplo, multiplica em seus textos as referências aos artistas do *underground* e da contracultura, aos poetas malditos e aos párias de todos os lugares. Inversamente, ele cita também abundantemente seus colegas acadianos na escritura. A arte da dedicatória e da intercitação é uma marca importante da poesia acadiana desde 1970 e corresponde à necessidade de se autoconstruírem mutuamente como escritores. As referências intertextuais delimitam a confraria dos escritores à qual aquele que escreve gostaria de pertencer e com a qual ele se identifica. Os escritores acadianos começam por se autolegitimarem entre si antes de reivindicarem tal legitimidade no exterior. Encontram-se também na Acádia

poetas que não fazem nenhuma referência aos outros escritores acadianos e os outros dados contextuais de suas obras nos incitam a interpretar o fato como um verdadeiro distanciamento.

Concluindo, retomo a citação de Dominique Maingueneau evocada no início destas reflexões para insistir sobre o fato de que não existe conteúdo de uma obra que poderia ser separado de suas condições de enunciação. A constituição de um conteúdo é precedida pela encenação de uma enunciação que o determina. Nenhum conteúdo existe independentemente da cenografia que o sustenta. Para nos convencermos facilmente disso, basta tentar imaginar o que se tornaria *La Sagouine* reescrita em francês internacional. É preciso chegar à conclusão de que não é inicialmente nos temas da obra que se deve procurar os posicionamentos identitários do escritor, mas na cena da enunciação que ele constrói optando por uma língua, um gênero, um público, uma instituição, um intertexto e uma cenografia.

Referências

- BABINEAU, Jean. *Bloupe*, roman. Moncton: Perce-Neige, 1993.
- CASANOVA, Pascale. *La République mondiale des Lettres*. Paris: Seuil, 1999.
- DAIGLE, France. *La beauté de l'affaire, fiction autobiographique à plusieurs voix sur son rapport tortueux au langage*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1991.
- _____. *Petites difficultés d'existence*. Montréal: Boréal, 2002.
- DENIS, Benoît; KLINKENBERG, Jean-Marie. *La littérature belge: précis d'histoire sociale*. Bruxelles: Labor, 2005.
- DUBOIS, Jacques. L'institution du texte. In: NEEFS, Jacques; ROPARS, Marie-Claire (Dir.). *La politique du texte: enjeux sociocritiques*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1992. p. 125-144.
- GAUVIN, Lise (Dir.). *Les langues du roman: du plurilinguisme comme stratégie textuelle*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 1999.
- KLINKENBERG, Jean-Marie. La production littéraire en Belgique francophone; esquisse d'une sociologie historique. *Littérature*,

p. 33-50, 1981.

LEBLANC, Gérald. *Éloge du chiac*. Moncton: Perce-Neige, 1995.

MAILLET, Antonine. *La Sagouine, pièce pour une femme seule*. Montréal: Léméac, 1971.

_____. *Pélagie-la-Charrette*. Montréal: Léméac, 1979.

MAILLET, Marguerite. *Histoire de la littérature acadienne: de rêve en rêve*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1983.

MAINGUENEAU, Dominique. *Le contexte de l'œuvre littéraire: énonciation, écrivain, société*. Paris: Dunod, 1993.

MORIN-ROSSIGNOL, Rino. *Rumeur publique: essais*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1991.

PARÉ, François. *Les littératures de l'exiguïté*. Hearst, Ont.: Éditions du Nordir, 1992.

_____. La chatte et la toupie: écriture féminine et communauté en Acadie. *Francophonies d'Amérique*, n. 7, p. 115-126, 1997.

